

# A REPRESENTAÇÃO DE CONSTÂNCIO II NO DISCURSO DE JULIANO <sup>1</sup>

Heder Claudio Oliveira Gomes <sup>2</sup>

**RESUMO:** Juliano foi educado em ambiente cristão, mas tomou contato com o helenismo por meio do eunuco Mardônio e estudou na escola de filosofia de Atenas. Foi nomeado César pelo imperador Constâncio II em 355 e aclamado Augusto por suas legiões em 360. Tem uma significativa produção escrita, especialmente no que se refere às teorias sobre a realeza. Os dois discursos redigidos por Juliano - *Sobre a Realeza e Elogio ao Imperador Constâncio* - versam sobre o governo de Constâncio II e formam o *corpus* documental deste trabalho. O objetivo é analisar como Juliano representou Constâncio II e afirmou sua posição política dentro do Império Romano do século IV d.C.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juliano. Constâncio II. Império Romano

## 1. Introdução

Do século III ao IV ocorreram significativas transformações nas estruturas sociopolíticas, econômicas e culturais do Império Romano. Esse período, durante muito tempo, foi denominado de Baixo Império, explicado sob a perspectiva do declínio e das catástrofes. A partir da segunda metade do século XX, a historiografia, motivada pelos novos métodos e abordagens, produziu estudos que apontavam para a necessidade de repensar esse momento da história e não qualificá-lo como um simples período de transição. O termo Antiguidade tardia, difundido por Peter Brown e Henri-Irénée Marrou, passou a ser utilizado para distinguir esse tempo e dissociá-lo da ideia de decadência.<sup>3</sup>

Conforme Silva e Mendes <sup>4</sup>, um dos acontecimentos da Antiguidade tardia é a Anarquia Militar do século III. Este período é marcado pela ascensão de generais ao cargo de imperador e pelas guerras civis oriundas das disputas pelo trono romano. O imperador Diocleciano, em virtude dessa conjuntura, executou um “projeto” que objetivava a restauração e reorganização do Estado para assegurar a manutenção do exército e a defesa do Império. Das inovações políticas do monarca, merece destaque a criação da tetrarquia, constituída por uma “família imperial”, composta por quatro membros, dois Augustos e dois Césares (daí o nome tetrarquia). O propósito dessa reforma era combater as usurpações ao trono e viabilizar a administração do território

romano.<sup>5</sup> Outra especificidade dessa conjuntura foi a difusão da cultura letrada:

Os pagãos dispunham de uma literatura clássica que servia para atender ao público letrado, instruído nas escolas de retórica; mas produziram também breviários e epítomes, pequenas biografias, epistolários, panegíricos, leis, usaram recitais e lançamentos de livros para comunicar ideias e conservar tradições que, de outra forma, se perderiam nas lembranças ou ficariam presas nas bibliotecas.<sup>6</sup>

Juliano é herdeiro dessa conjuntura, foi imperador e um dos intelectuais de destaque da elite pagã. De acordo com Blanco <sup>7</sup>, ele viveu no terço central do século IV e esteve diretamente envolvido com a polêmica ideológica entre o paganismo e o cristianismo. Ao longo de todo o século, imperadores cristãos se sucederam no poder, com a única exceção do breve reinado de Juliano, monarca que se converteu num defensor dos antigos cultos romanos e do helenismo <sup>8</sup>.

Filho de Julio Constâncio e de Basilina, Juliano nasceu em Constantinopla no ano de 331. Seu pai era filho de Constâncio Cloro e irmão paterno de Constantino, que era filho “ilegítimo” de Cloro com Helena. Basilina era, por sua vez, filha de um alto funcionário da corte de Licínio, Julio Juliano. Quando, em 306, Constantino ascendeu ao poder, Helena perseguiu os filhos da antiga rival Teodora (esposa oficial de Cloro), que ficaram excluídos da linha de sucessão ao trono. <sup>9</sup>

Conforme assevera Lemos, Juliano foi educado inicialmente num ambiente cristão, mas tomou contato com o helenismo por meio do eunuco Mardônio, instruiu-se com os ensinamentos de Libânio e Temístio e estudou em Atenas. Foi nomeado César, em 355, pelo imperador Constâncio II (filho e sucessor de Constantino, o grande) e, em 360, foi proclamado Augusto por suas tropas. Seu reinado transcorreu em meio a uma relação conflituosa com Constâncio II. Empreendeu uma série de reformas, entre elas, medidas que beneficiavam as práticas pagãs. Ficou conhecido como apóstata e seu governo como o período da “restauração pagã”. Tem uma significativa produção escrita, especialmente no que se refere às teorias sobre a realeza. <sup>10</sup>

De acordo com Silva<sup>11</sup>, a morte prematura de Juliano, em junho de 363, fez despertar uma intensa reação por parte dos cristãos, não apenas a memória do imperador, mas também ao ideal de reabilitação dos cultos ancestrais romanos. A partir desse momento, os líderes eclesiásticos se tornaram cada vez mais hostis ao paganismo, apesar dos monarcas Joviano, Valentiniano e Valente não terem demonstrado empenho em perseguir os pagãos.

Os dois discursos de Juliano, selecionados para análise nesse trabalho, versam sobre o governo do imperador Constâncio II, que foi seu contemporâneo e Augusto. Ambos pertencem ao mesmo gênero literário, são panegíricos. Todavia, em *Sobre a Realeza* o tom irônico do autor para referir-se a Constâncio II é uma constante. Nessa pesquisa, optamos pela utilização da versão da editora Gredos (em espanhol) e seu cotejamento com a língua original, o grego, será feito posteriormente.<sup>12</sup> Os dois panegíricos serão analisados separadamente permitindo que as mudanças e permanências sejam verificadas.

## 2. O Elogio ao Imperador Constâncio

Juliano estudou como qualquer outro jovem da aristocracia de sua época e conheceu os mais importantes retores. Assistir regularmente às aulas de gramática e de retórica era um requisito para os membros da elite destinada a ocupar os altos postos da administração do Império Romano no século IV. Segundo Blanco, o César, ao elaborar seus panegíricos, parece ter feito uma mistura entre o estilo de Libânio e o de Temístio. Do primeiro adotou a disposição geral mais clássica, os recursos retóricos, a maior precisão nos relatos dos acontecimentos históricos e sua maior extensão; do segundo, utilizou as reflexões filosófico morais sobre a preponderância das virtudes e o ideal de soberano.<sup>13</sup>

O primeiro panegírico - *Elogio ao Imperador Constâncio* - foi escrito em finais de 356, durante a primeira campanha de Juliano na Gália. O objetivo do César era preservar a confiança de seu Augusto. Ao descrever as façanhas e as virtudes de Constâncio II, Juliano apelou para um relativo exagero, o que é típico do gênero literário. No início do encômio faz uma reflexão sobre a importância da família do imperador, enfatiza a educação que lhe foi dada e compara seu governo com o de seu pai Constantino, afirmando, repetidas vezes, sua grandiosidade em relação a esse último, bem como, sua superioridade com relação aos seus antepassados. Sobre a criação e educação de Constâncio II, Juliano assevera:

De las numerosas y bellas obras hechas por tu padre que he recordado y de cuantas paso por alto para no extenderme, de todas ellas yo diría que la mejor, y creo que todos los demás estarán de acuerdo, ha sido tu nacimiento, tu crianza y tu educación. Con ello hizo que los demás disfrutasen del mejor gobierno, no en un corto período de tiempo, sino en el más largo posible, pues parece que es aquél está gobernando

todavía. [...] tu eres más dulce que tu padre y mejor en otras muchas cualidades (*Elogio ao Imperador Constâncio*, 7, 9b).

[...] tú necesitabas sin duda una educación regia que ejercitara tu cuerpo en el vigor, en la fuerza, en la buena salud y en la belleza, la justicia, la templanza y la prudencia. [...] el cuerpo, necesitabas el ejercicio físico, y en cambio embellecías tu alma con el ejercicio de la literatura (*Elogio ao Imperador Constâncio*, 7, 10 c-d).

É importante frisar que Constâncio II, segundo Juliano, recebeu a melhor educação para que se tornasse o melhor governante, o que não quer dizer que ele tenha sido, aos olhos do autor, um modelo de “bom monarca”. Ainda assim, Constâncio II é representado como o maior dos *hoplitas*, uma qualidade digna de nota, visto que, o bom governante tinha, antes de tudo, que ser um exímio general:

Los ejercicios físicos que practicaste no fueron los apropiados para un concurso público [...] “pensaste que para conseguirlo era necesario realizar ejercicios físicos, pero que fueran diversos y típicamente militares, como la danza y la carrera armado y la equitación, en todos los cuales has perseverado desde el principio practicándolos convenientemente, y en cada uno de ellos has triunfado como ninguno de los restantes *hoplitas* (*Elogio ao Imperador Constâncio*, 8,11b).

Juliano também enfatiza a moderação de Constâncio II, apontada pela tradição literária sobre a realeza como uma das virtudes essenciais ao rei justo: “Tu moderación, cuando ya eras un hombre, la conocemos todos, ya que siempre te comportaste con el pueblo y los magistrados como un ciudadano obediente a las leyes y no como un rey que manda en ellas” (*Elogio ao Imperador Constâncio*, 37, 45 c-d). E completa:

Lo más duro es oponerse a la fortuna y eso es la señal de una gran virtud. (*Elogio ao Imperador Constâncio*, 20, 25, b)  
Saludándote como emperador liberal y generoso a ti, que a muchos, en otro tiempo privados de sus propias posesiones y caído en desgracia su patrimonio en justicia o contra ella, una vez que fuiste el dueño, a unos les devolviste la posesión de sus fortunas, como un buen juez que endereza los errores de los anteriores, a otros como un juez clemente, les hiciste gracias de aquello de lo que se habían visto privados estimando que era suficiente castigo el tiempo que habían tenido que soportarlo. (*Ibidem*, 35,43 b).

Em suma, foram encontradas passagens que versam sobre a doçura, a prudência, a justiça, a generosidade, a moderação, a sensatez, a clemência, dentre outras virtudes atribuídas ao imperador, que fazem parte do ideal de monarca exposto por Juliano.

Todavía, um curioso excerto do panegírico, que trata das façanhas de Constâncio II, parece demonstrar a indisposição de Juliano com a conduta de seu Augusto, sobretudo, no que se refere aos possíveis crimes cometidos pelo imperador. No entanto, o faz atribuindo a responsabilidade de tais atos iníquos aos subordinados do monarca:

En efecto, nos reclaman las hazañas que recuerdan tu fuerza, la elevación de tu alma, tu prudencia y tu justicia, en las que te mostraste sin rival e insuperable. Con justicia y moderación te comportaste con tus hermanos, ciudadanos, amigos de tu padre y con tus ejércitos – excepto si en alguna ocasión, obligado por las circunstancias, no pudiste impedir que otros se equivocaran contra tu voluntad -, y, respecto a los enemigos, con valentía y magnanimidad, de acuerdo con la fama de tu linaje. Todo el tiempo conviviste en concordia con ellos, guardaste sin revoluciones la ciudad y cuidaste siempre de los hermanos que compartían el poder, hiciste a tus amigos partícipes de una misma ayuda y franqueza y les concediste con generosidad, junto con otros bienes, lo que tú poseías y aquello de que cada uno parecía estar falto (*Elogio ao Imperador Constâncio*, 12, 16d-17b).

Sem pretender prolongar a descrição sobre os vícios do mau governante, é importante destacar que, para Juliano, a injustiça está sempre associada aos monarcas tirânicos.

Apesar da censura, ainda que moderada, Juliano, no primeiro panegírico, confere a Constâncio II virtudes que o identificavam com o modelo do rei justo: “[...] afirmo que obraste con moderación, con justicia y con mucha sensatez. [...]. Así, tu acción, al inclinarse hacia la clemencia, es un testimonio de tu perfecta virtud” (*Elogio ao Imperador Constâncio*, 39, 48d).

### **3. Sobre a Realeza**

A produção do segundo panegírico suscitou entre os historiadores contemporâneos duas questões centrais: o que teria motivado Juliano a dedicar seus momentos de ócio a escrever falsos elogios a Constâncio II e o envio do encômio para o Augusto. Sobre as possíveis causas que levaram a redação desse panegírico, Blanco afirma:

Bidez parece entender que la causa habría podido ser algunas impertinencias como el querer enseñar a Constancio el ejercicio del poder, las numerosas alusiones a los dioses, la defensa de la mitología y ciertas expresiones abiertamente neoplatónicas que le hubieran hecho ante la corte claramente sospechoso de duplicidad.<sup>14</sup>

A forma irônica como a figura do imperador Constâncio II foi representada nesse segundo panegírico denota maior liberdade e maturidade de Juliano com relação à produção do discurso anterior. O elogio foi escrito entre os anos de 358-9, num momento em que as desavenças entre Juliano e Constâncio estavam acentuadas, sobretudo, a partir da vitória de Estrasburgo comandada pelo César. O Augusto atribuiu oficialmente, a si mesmo, à direção do combate e a captura do rei alamanco, sem mencionar Juliano. Em *Sobre a realeza*, o autor recorda constantemente sua vitória, demonstrando um natural orgulho, e, provavelmente, sua indignação diante da usurpação. Não por acaso, o panegírico começa recordando a disputa entre Aquiles e Agamêmnon, contida na *Ilíada*, obra clássica de Homero.<sup>15</sup> Sem dúvida, Juliano associa a usurpação de Constâncio ao ultraje imposto por Agamêmnon a Aquiles, por ter arrebatado sua recompensa.

O helenismo de Juliano é, por diversas vezes, afirmado no panegírico. No elogio a Constâncio II, ele relaciona o imperador aos heróis: “[...] hay un gran parentesco entre las hazañas del emperador y las de los héroes, y afirmamos que él es superior a todos en lo que cada uno de ellos sobresalió especialmente, y hemos mostrado cómo es más rey que aquel rey, si más evidente a continuación” (*Sobre a Realeza*, 4, 54 c-d).

Em outro momento do *Sobre a realeza*, percebemos que Juliano demonstra cuidado ao referir-se ao cristianismo professado pelo imperador Constâncio II, mas, diferente do primeiro discurso, não se preocupa em esconder o vínculo com os cultos ancestrais:

[...] fue por la superioridad de la virtud que honraron y sirvieron por la que fueron considerados hijos de los propios dioses. Y se demuestra por lo siguiente: desconociendo quiénes eran los padres de otros héroes, también unieron los hombres su gloria a la de divinidad a causa de su virtud. (*Sobre a Realeza*, 25, 82c).

Ao contrário do outro panegírico, Juliano se dedica, com poucas exceções, mais ao elogio das façanhas do que das virtudes do Imperador:

Recordad cómo perdió muchos macedonios al apoderarse de la roca, mientras que nuestro soberano y general no perdió un solo tribuno ni un centurión ni un solo legionario y consiguió una victoria limpia y sin lágrimas. (*Sobre a Realeza*, 18,73,b).

Nuestro emperador, en cambio, cuando se trata de fuerza y valor utiliza las armas y vence por sus buenas decisiones, y, cuando se trata de la inteligencia, gobierna con ella y lleva a cabo tantas hazañas que ni siquiera la espada sería capaz de destruir. (*Ibidem*, 18,73, c).

Em algumas passagens, o César apresenta uma “implícita” reprovação das ações de seu Augusto e estabelece um verdadeiro “código de conduta” para um bom governante, delimitando suas virtudes, apontando os vícios e os procedimentos reprováveis:

[...] es preciso que los reyes no hagan nada con insolencia ni se valgan para todo de su fuerza ni den rienda suelta a su cólera, que se lanza como un caballo desbocado sin freno ni auriga, y que los generales no irriten la majestad real y soporten con dominio de sí y dulzura los reproches, para que su vida no esté llena de arrepentimientos (*Sobre a Realeza*, 1, 50b-c).

Em consonância com a perspectiva de Lucien Goldmann<sup>16</sup>, acreditamos que a produção literária expressa uma visão de mundo, um conjunto de ideias próprias de determinados grupos (mais frequentemente, de uma classe social). Juliano não foge a essa regra, seu pertencimento à elite senatorial pagã, sua educação, seu vínculo com o helenismo, suas relações familiares e políticas com Constâncio II, sem dúvida, exerceram forte influência na elaboração das duas obras supracitadas. O *Sobre a Realeza* foi produzido num contexto onde as intrigas entre o César e o Augusto haviam se intensificado, logo, o autor demonstrou maior liberdade em sua produção, forjando elogios irônicos para criticar o governo do seu opositor.

É possível verificar, nesta análise ainda parcial, que em ambos os encômios, a analogia que Juliano constrói entre figuras proeminentes e heróis da antiga Roma e o imperador Constâncio II parece ser uma tentativa de dar lições ao Augusto sobre como deve se comportar um rei justo, um monarca virtuoso capaz de preservar os cultos ancestrais e o Império. Juliano, portanto, em discursos *sui generis* - panegíricos em honra a um imperador cristão ariano (Constâncio II), escritos pelo seu César (Juliano, um pagão) - representou o monarca ideal, afirmou-se dentro da tradição literária sobre o poder monárquico e definiu sua posição política prol aristocracia pagã.

---

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido na Iniciação Científica, sob a orientação da Profa. Dra. Márcia S. Lemos (UESB).

<sup>2</sup> Heder Claudio Oliveira Gomes. Graduando em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Discente voluntário do programa de Iniciação Científica da UESB. E-mail: hc\_heder@hotmail.com.

<sup>3</sup> Segundo Carrié, a ideia de crise do Império Romano é admitida apenas para certos períodos (séculos III, V e VII), em alternância com as “restaurações”, os “redirecionamentos”, os renascimentos (séculos IV e VI, essencialmente). CARRIÉ, J.-M. Introduction: ‘Bas Empire’ ou ‘Antiquité Tardive’? In: CARRIÉ, J.-M.; ROUSSELLE, A. *L’Empire Romain en mutation: des Sévères à Constatin (192-337)*. Paris: Éditions du Seuil, 1999 (Coll. Points H 221. Nouvelle Histoire de l’Antiquité, 10).

<sup>4</sup> SILVA, G. V. MENDES, N. M. Diocleciano e Constantino: a construção do *Dominato*. In: \_\_\_\_\_ et al. *Repensando o Império Romano: Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural*. Rio de Janeiro: Mauad: Vitória, ES: EDUFES, 2006. p. 1998-2000.

<sup>5</sup> Outra importante inovação, que surgiu como uma resposta mais significativa à crise do século III, foi à criação da *basileia*. “Os imperadores tiveram de investir num discurso que realçava os seus atributos de heróis providenciais enviados pelas divindades para reordenar o *orbis romanorum*, resgatando-o do caos no qual se encontrava imerso. Sendo assim, a nova representação simbólica da realeza sagrada helenístico-cristã, a *basileia*, fez com que tudo que rodeava o imperador fosse tido como sagrado, na tentativa de associá-lo, cada vez mais, a um indivíduo dotado de atributos de salvador e restaurador capaz de reordenar o mundo romano (Ibid., p. 201-202).

<sup>6</sup> LEMOS, M. S. *Cristãos e pagãos e cultura escrita: as representações do poder no Império Romano dos séculos IV e V d.C.* Tese de doutorado – Programa de pós graduação em história, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. p. 242.

<sup>7</sup> BLANCO, José García. Introducción general. In: *Discursos I-V*. Madrid: Editorial Gredos. 1979. (Biblioteca Clásica Gredos, v. 17). p. 7.

<sup>8</sup> Hidalgo de La Vega identifica o helenismo de Juliano com [...] a defesa da *Paideia* - base fundamental da civilização greco-romana - e a defesa da polis como marco sociopolítico que se concretizava. Isso tem permitido que o qualifiquem como reacionário e restaurador, distorcendo o verdadeiro significado de sua concepção de *basileia*, que finalmente insufla os aspectos reformistas e também inovadores de sua prática política. (DE LA VEGA, María José Hidalgo. La teología política de Juliano como expresión de la cultura de su tiempo. In: \_\_\_\_\_. *El intelectual, la realeza y el poder político en el Imperio Romano*. Salamanca: Universidad, 1995). p. 226-7.

<sup>9</sup> BLANCO, op. cit., p. 10-12.

<sup>10</sup> LEMOS, op. cit., p. 111.

<sup>11</sup> SILVA, G. V. A relação Estado/Igreja no Império Romano (séculos III e IV). In: \_\_\_\_ et al. op.cit. p. 259-260.

<sup>12</sup> JULIANO. Elogio ao imperador Constâncio. Sobre a realeza. In: \_\_\_\_\_. *Discursos I-V*. Introducción, traducción y notas de José García Blanco. Madrid: Editorial Gredos. 1979. p. 95-161; 205-280. (Biblioteca Clásica Gredos, v. 17).

<sup>13</sup> BLANCO, José García. Introducción. In: Juliano, op. cit., 96-100.

<sup>14</sup> BLANCO, José García. Introducción. In: Ibid., p. 205-6.

<sup>15</sup> Sobre o ultraje de Agamêmnon, ver: HOMÈRE. *Iliade*. Trad. Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, Tome I (1987), 1-530.

<sup>16</sup> GOLDMANN, Lucien. *Dialética e cultura*. 2. ed. Tradução de Luiz F. Cardoso; Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.